

MÚLTIPLOS OLHARES DA EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE



GERMANA PONCE DE LEON RAMÍREZ
LUCIENNE DORNELES
REBECA PIZZA PANCOTTE DARIUS
(ORGANIZADORAS)

Atena
Editora
Ano 2019

Germana Ponce de Leon Ramírez
Lucienne Dorneles
Rebeca Pizza Pancotte Darius
(Organizadoras)

Múltiplos Olhares da Educação na Contemporaneidade

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de
Oliveira Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
M961	Múltiplos olhares da educação na contemporaneidade [recurso eletrônico] / Organizadoras Germana Ponce de Leon Ramírez, Lucienne Dorneles, Rebeca Pizza Pancotte Darius. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7247-354-5 DOI 10.22533/at.ed.545191807 1. Educação. 2. Pedagogia – Pesquisa – Brasil. I. Ramírez, Germana Ponce de Leon. II. Dorneles, Lucienne. III. Darius, Rebeca Pizza Pancotte. CDD 370
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Este livro, na forma de coletânea, é fruto de trabalhos de cunho científico desenvolvidos com alunos em nível de graduação do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), campus Engenheiro Coelho, SP. Tais trabalhos foram desenvolvidos ao longo de um ano e meio sob as orientações de docentes do curso a partir da diversidade de áreas em que desenvolvem suas pesquisas.

O contexto atual, dinâmico, complexo, mutável como tem se demonstrado conduz à percepção da necessidade de instigar e formar nos jovens universitários uma postura investigativa desde a graduação, considerando que um dos objetivos do ensino superior é o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo. Desse modo, compreende-se a importância do incentivo às pesquisas que articulem os conhecimentos teóricos aos práticos possibilitando aos graduandos uma formação mais ampla e significativa.

Esta obra reúne trabalhos cujas temáticas elucidam acerca de múltiplos saberes no campo da educação os quais embora não tenham a intenção de esgotar as possibilidades de discussão acerca deles, apontam promissores rumos de pesquisas que contribuem na área da alfabetização; diversidade étnica e cultural; educação especial; gestão escolar; ludicidade no processo de ensino e aprendizagem; transculturalidade; inteligência espiritual; formação docente.

As organizadoras.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O ESTADO DA ARTE: ESTUDO COMPARATIVO SOBRE OS DESAFIOS PROFISSIONAIS E O OLHAR ATUAL DO GESTOR ESCOLAR SOBRE SUA PRÁTICA	
Luciane Weber Baia Hees Daniele de Castro Corrêa Rachel Simone Roganti da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5451918071	
CAPÍTULO 2	15
FATORES QUE INTERFEREM NA LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Brenda Karoline Honório Elen Roberta Leita da Silva Rebeca Pizza Pancotte Darius	
DOI 10.22533/at.ed.5451918072	
CAPÍTULO 3	26
CONSCIENTIZAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO SER NEGRO NAS SÉRIES INICIAIS	
Bianca Fonseca dos Santos Léia Andrade Frei de Sá Teresa Siwassangue Hisakenua Germana Ponce de Leon Ramírez	
DOI 10.22533/at.ed.5451918073	
CAPÍTULO 4	41
MÉTODO FÔNICO E A AQUISIÇÃO INICIAL DA LINGUAGEM ESCRITA DE DOIS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN	
Gabrielly Cristina Pereira Ingrid Rodrigues Rieger Keyla Ferrari	
DOI 10.22533/at.ed.5451918074	
CAPÍTULO 5	54
RELAÇÃO ENTRE O USO DE SUBSTÂNCIAS QUÍMICAS ILÍCITAS, PROBLEMAS SOCIOEMOCIONAIS E EVASÃO ESCOLAR	
Karoline Barreto Rauber Luana Aparecida de Andrade Zanitti Ana Cláudia Vespa Mainer Dias	
DOI 10.22533/at.ed.5451918075	
CAPÍTULO 6	66
O IMPACTO DA INSERÇÃO PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DE UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA NO INTERIOR DE SÃO PAULO	
Caroline Amanda Pinheiro Karina da Silva Eustáquio Maria Aparecida Mendes de Souza Simpício Luciane Weber Baia Hees	
DOI 10.22533/at.ed.5451918076	

CAPÍTULO 7	84
COMPREENSÃO DAS FUNÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO: UM OLHAR SOBRE A RELAÇÃO ESCOLA – FAMÍLIA	
Elaine Martins Duarte	
Gersonita Silva Alcantara	
Silvonia de Melo Soares	
Rebeca Pizza Pancotte Darius	
DOI 10.22533/at.ed.5451918077	
CAPÍTULO 8	102
JOGOS LÚDICOS COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DO RACIOCÍNIO LÓGICO- MATEMÁTICO NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I NA PERCEPÇÃO DOS DOCENTES	
Evelyn Mendes Cerqueira	
Monize Aparecida de Toledo	
Rafaela da Silva Dantas	
Raquel Pierini Lopes dos Santos	
Luciane Weber Baia Hees	
DOI 10.22533/at.ed.5451918078	
CAPÍTULO 9	119
O USO DO PARADIDÁTICO COMO MEIO DE ENSINO: FERRAMENTA DE CONSCIENTIZAÇÃO DA DIVERSIDADE ÉTNICA INDÍGENA	
Joyce Moura Silva	
Laura KiachacotaHebo	
Tauana Silva Rodrigues da Costa	
Germana Ponce de Leon Ramírez	
DOI 10.22533/at.ed.5451918079	
CAPÍTULO 10	128
LITERATURA INFANTIL COMO INSTRUMENTO DE ALFABETIZAÇÃO	
Ambar Magnólia Bordón Duarte	
Danielle De Matos Afonso Nascimento	
Verlene Caldeira Costa	
Denise Andrade Moura de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.54519180710	
CAPÍTULO 11	140
A INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL E AS PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL I	
Luana Cardoso Nascimento	
Marianna Gerardo Hidalgo Santos Jorge Leite	
Agnaldo César Rocha Abreu	
Ana Cláudia Vespa Mainer Dias	
DOI 10.22533/at.ed.54519180711	
CAPÍTULO 12	156
O PAPEL DO BRINQUEDO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DA CONSCIÊNCIA EM SER NEGRO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Aline Vieira de Oliveira Souza	
Morgana Santos Viana Marques	
Germana Ponce de Leon Ramirez	
DOI 10.22533/at.ed.54519180712	

CAPÍTULO 13	170
LEGISLAÇÃO SOBRE O ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL, ASPECTOS HISTÓRICOS	
Bianca Gusmão dos Santos Monfardini	
Felipe Bauer Feijó	
Laís de Andrade Ribeiro Barboza	
Rúbens William Borges Richter	
Giza Guimarães Pereira Sales	
DOI 10.22533/at.ed.54519180713	
CAPÍTULO 14	186
A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO ESCOLAR PARA A CRIANÇA CEGA: ESTUDO DE CASO	
Fernanda Coraini	
Natalina Lopes Fernandes Tavares	
Willer Ferreira de Oliveira	
Keyla Ferrari Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.54519180714	
CAPÍTULO 15	197
CARACTERÍSTICAS DE ALUNOS TRANSCULTURAIS EM AMBIENTE ESCOLAR	
Keilyn Stegmiller Paroschi	
Betania Jacob Stange Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.54519180715	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	212

CONSCIENTIZAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO SER NEGRO NAS SÉRIES INICIAIS

Bianca Fonseca dos Santos

Centro Universitário Adventista
de São Paulo-UNASP
Engenheiro Coelho, SP

Léia Andrade Frei de Sá

Centro Universitário Adventista
de São Paulo-UNASP
Engenheiro Coelho, SP

Teresa Siwassangue Hisakenua

Centro Universitário Adventista
de São Paulo-UNASP
Engenheiro Coelho, SP

Germana Ponce de Leon Ramírez

Centro Universitário Adventista
de São Paulo-UNASP
Engenheiro Coelho, SP

RESUMO: O objetivo principal deste trabalho é analisar as percepções dos aplicadores (alunos do Curso de Pedagogia) de uma intervenção cujo foco é a socialização entre a construção do conhecimento e a valorização do ser negro por meio do lúdico pela aplicação de um projeto de intervenção em uma escola pública no interior do estado de São Paulo, com turmas do Ensino Fundamental I, 1.º ao 5.º Ano, tendo como essência sensibilizar (sobre a) e internalizar a importância da valorização do negro e a aceitação de si próprio. O processo

metodológico constituiu-se de algumas etapas, sendo elas: elaboração do projeto; mobilização da intervenção; conhecimento prévio das crianças e interação com elas; apresentação teatral e musical; entrevista com os aplicadores da intervenção; e avaliação da percepção em relação ao objetivo do projeto GPEDE. O desenvolvimento do trabalho foi dividido em cinco etapas, sendo elas: o conceito de racismo e o início de sua prática; a postura do professor diante do racismo na escola; o professor e os materiais didáticos; a importância da valorização do ser negro no contexto escolar; e relatos dos aplicadores da intervenção étnico-racial e sua importância. Por fim, com as devidas cautelas, a pesquisa segue os padrões éticos de pesquisa com o número do protocolo 2.298.444, considerando a possibilidade de um projeto de intervenção se tornar um dos meios de conscientizar e valorizar a diversidade de maneira lúdica, contribuindo, assim, para a construção de conceitos com valores.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade étnica; Racismo; Projeto de intervenção pedagógica.

ABSTRACT: The objective of this work is to analyze the perceptions of the applicators (students of the Pedagogy Course) of an intervention whose focus is the socialization between the construction of knowledge and the valorization of the black being through the playful

by the application of an intervention project in a public school in the interior of the state of São Paulo, with classes from Elementary School I, 1st to 5th Year, with the essence of sensitizing (about) and internalizing the importance of the valorization of the black and the acceptance of himself. The methodological process was constituted of some stages, being: elaboration of the project; mobilization of intervention; children's prior knowledge and interaction with them; theatrical and musical presentation; interview with the applicators of the intervention; and perception evaluation in relation to the objective of the GPEDE project. The development of the work was divided in five stages, being: the concept of racism and the beginning of its practice; the teacher's attitude towards racism in school; the teacher and the didactic materials; the importance of the valorization of the black being in the school context; and reports of the applicators of ethnic-racial intervention and their importance. Finally, with due caution, the research follows the ethical standards of research with protocol number 2.298.444, considering the possibility of an intervention project becoming one of the means to raise awareness and value diversity in a playful way, thus, for the construction of concepts with values.

KEYWORDS: Ethnic diversity; Racism; Project of Pedagogical Intervention.

1 | INTRODUÇÃO

O racismo não é apenas uma rejeição, mas é também a maneira depreciativa como alguns seres humanos são tratados. Vai além do que se imagina, pois se encontra enraizado no imaginário da sociedade, que tem como base as velhas crenças relacionadas à existência de etnias inferiores e superiores. Segundo Gomes (2005, p. 49), o racismo não é uma herança genética. O autor afirma que:

[...] É no contexto da cultura que nós aprendemos a enxergar as raças. Isso significa que aprendemos a ver negros e brancos como diferentes na forma como somos educados e socializados a ponto de essas ditas diferenças serem introjetadas em nossa forma de ser e ver o outro, na nossa subjetividade, nas relações sociais mais amplas.

Preocupadas as autoras com a postura de quem ensina, desenvolveram este trabalho com o objetivo de analisar a percepção de aplicadoras do projeto de intervenção pedagógica com intuito de tratar acerca da discriminação étnica e cultural no espaço escolar em uma escola pública no município de Engenheiro Coelho, SP. Essa intervenção pedagógica ocorreu de forma lúdica como parte de um projeto de extensão denominado Projeto Amoras, desenvolvido pelo grupo de pesquisa GPEDE (Grupo de Pesquisa em Educação e Diversidade Étnica).

2 | PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa de caráter exploratório. Denzin e Lincoln (2006) consideram que a pesquisa qualitativa circunda uma forma de interpretação do mundo. Nela, os pesquisadores aprofundam seus conhecimentos

em relação aos fatos naturais envolvidos tentando compreender os fenômenos e significados que os indivíduos atribuem a tais fatos. Condizentes com esse pensamento, Vieira e Zouain (2005) afirmam que a pesquisa qualitativa tem importância fundamental, pois se atenta à descrição minuciosa dos fenômenos e dos elementos envolvidos.

Este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética por meio da Plataforma Brasil e por ele aprovado, tendo como número de protocolo 2.298.444. Posteriormente, fez-se a coleta de dados com a aplicação de entrevista. Houve participação de cinco voluntárias, chamadas de aplicadoras, que se envolveram com a elaboração e aplicação de intervenção, conscientização e valorização acerca do ser negro em uma instituição de ensino público no interior do estado de São Paulo.

As entrevistas visam entender o grau de participação e satisfação das aplicadoras do projeto. Para isso, cada entrevista teve duração de 50 minutos, tendo sido cada uma delas gravada e transcrita. É importante ressaltar que o nome de cada participante da entrevista é fictício, a fim de preservar sua identidade.

As entrevistas foram tratadas e analisadas sob a perspectiva da análise de conteúdo, transformando-se em um conjunto de técnicas que analisa as comunicabilidades que se usam nos processos sistematizados e em objetivos descritos no conteúdo das mensagens. Análise de conteúdo:

[...] é seguir passo a passo o crescimento quantitativo e a diversificação qualitativa dos estudos empíricos apoiados na utilização de uma das técnicas classificadas sob a designação genérica de análise de conteúdo; é observar a posteriori os aperfeiçoamentos materiais e as aplicações abusivas de uma prática que funciona há mais de meio século (BARDIN, 2009, p. 15).

De acordo com Bardin (2009), é necessário ressaltar a questão sobre as condições de aparecimento e de ampliação em diversos ramos das ciências humanas, especialmente as classificações que figuram nas relações de análise do conteúdo. A análise e a interpretação dos dados irão permitir entender a percepção dos entrevistados, o tema abordado e as dificuldades explícitas e ocultas encontradas durante o processo de aplicação da intervenção. Tal análise levará à compreensão do pensamento de cada um em relação ao racismo na escola e à sua superação de forma lúdica.

3 | RACISMO, UMA REALIDADE CONTEMPORÂNEA

O que é racismo? Racismo é uma palavra relativamente pequena, com significado sucinto, que desencadeia uma série de assuntos a ela relacionados. Vê-se também que “Racismo é uma ideologia que postula a existência de hierarquia entre os grupos humanos” (PROGRAMA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS, 1998, p. 12), também definido como:

A teoria ou idéia de que existe uma relação de causa e efeito entre as características físicas herdadas por uma pessoa e certos traços de sua personalidade, inteligência ou cultura. E, somados a isso, a noção de que certas raças são naturalmente

Ao buscar entender a origem do racismo, há necessidade de se resgatarem histórias do passado. Antes, porém, é importante que o leitor / a leitora reflita nas seguintes questões. Na condição de profissional da área da educação, você já sofreu algum preconceito ou alguma discriminação? Já parou para refletir se as crianças afrodescendentes que estão em sala de aula sofrem preconceito em seu dia-a-dia? Em algum momento, você já se mobilizou ou pensou em algo que pudesse contribuir para a superação do racismo?

Ao longo da História, é possível notar que o racismo ainda está presente dia após dia, mas há consciência de que se deve combater e eliminar qualquer ação racista ou discriminatória, e a ação do professor diante dessa luta para superação dessas adversidades é fundamental, pois muitos dos que as manifestam mal sabem a origem de seus comportamentos. Sant'Ana (2005, p. 40) deixa bem claro de onde vêm tais manifestações:

Quando um(a) aluno(a), professor ou professora, ou mesmo a administração, dentro ou fora da escola, da sala de aula, inadvertida ou propositadamente discrimina alguém, ele ou ela participa de uma prática que nasceu na Europa no século XV. E, desde então, tem gerado dor, tristeza, sofrimento e morte para milhões de seres humanos por causa da cor de sua pele ou devido à sua origem étnica.

De acordo com o autor, são assuntos que afetam os indivíduos que sofrem com as ações dos praticantes do racismo, tornando-se, assim, o tema delicado de abordar em sala de aula. O profissional da área tem de estar preparado porque perguntas irão surgir por parte dos alunos que querem saber a origem da discriminação por meio do racismo e por que as pessoas sofrem com os ataques de pessoas racistas. É essencial que o professor encare as dúvidas e pense estrategicamente em uma forma de respondê-las de forma simples, clara e sem omissões.

Segundo Sant'Ana (2005), o século XV deu início à discriminação racial com colonizadores escravizando índios e negros. Em meados desse mesmo século, começaram a surgir documentos na tentativa de provar a inferioridade dos negros e indígenas diante dos brancos. Com o tempo, essas discussões foram perdendo a importância e o valor, porém deixando sequelas que atualmente ainda ferem nossa sociedade (SANT'ANA, 2005).

A ignorância em relação à história antiga dos negros, as diferenças culturais, os preconceitos étnicos entre duas raças que se confrontam pela primeira vez, tudo isso, somado a necessidades econômicas de exploração, predispôs o espírito europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais. O negro torna-se, então, sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica (MUNANGA, 1986, p. 9).

Partindo desse contexto, pode-se ter uma percepção de como os negros foram maltratados e moralmente desvalorizados. Foram explorados por aqueles que se achavam no direito de mudar sua história. Desde então, o negro luta para ser quem

realmente é, luta pelos direitos iguais e para desconstruir uma história que os outros criaram a seu respeito, a fim de conseguir mostrar o verdadeiro valor que carrega no peito e em seu intelecto.

Assim, por toda essa movimentação em busca de conquista de respeito e de direitos iguais, é de extrema importância que o professor contribua com a reconstrução da história de tal respeito e de tais direitos. Os profissionais da área educacional devem, no intuito de observar e refletir, identificar se há indícios ou comportamentos explícitos de racismo e discriminação em sua sala de aula. Deve, também, observar se existe alguma ação de sua parte que esteja contribuindo para e/ou perpetuando o racismo ou a discriminação por meio do uso de materiais didáticos ou práticas comportamentais, porque “O racismo é uma prática diária e difundida. Ele é onipresente e forte” (SANT’ANA, 2005, p. 49).

Para um profissional da educação, é importante ter o equilíbrio e policiar-se diante de suas ações, observando, refletindo e buscando soluções a fim de superar dificuldades que aparecem diariamente no meio em que leciona.

4 | O PROFESSOR DIANTE DO RACISMO

Como se tem visto, o racismo continua sendo uma realidade dentro do contexto educacional como fruto de um passado que ainda se faz presente na vida cotidiana de muitos. A prática racista apresenta-se de diversas formas, a saber, nos aspectos socioeconômicos, culturais e educacionais, sendo os últimos (educacionais) o foco desta pesquisa.

Assim, é de suma importância, dentro do contexto escolar, que os professores tenham uma formação adequada para serem mediadores durante o processo de ensino, preparando os estudantes para enfrentarem os desafios do dia a dia. Para Gomes (2003), a formação de professores tem sido uma preocupação constante no campo da educação. O MEC, a universidade, os centros de formação de professores, as escolas, enfim, todos se preocupam e concordam com ser necessário formar os alunos adequadamente tanto em seu percurso inicial, quanto em sua atuação profissional.

Investir numa melhor formação não é suficiente. Segundo Gomes (2003), a formação do professor que visa à diversidade deveria considerar outras questões, ou seja, buscar saber como o professor se forma para trabalhar no cotidiano escolar. Atualmente, deve-se questionar: Quais são as principais necessidades dos docentes? Quais dificuldades os professores têm ao exercerem suas práticas pedagógicas? Quais temas os professores gostariam de discutir e debater no seu percurso de formação? Será que a questão racial está inclusa nessas temáticas? Ou elas estão sendo omitidas e silenciadas?

Gomes (2003) defende a ideia de que, por meio de um processo cultural, o homem constrói sua relação com o meio assim como a relação com o seu próximo

ou semelhante, e que essas formas múltiplas transmitem ao sujeito a educação das futuras gerações. Partindo desse pressuposto, o professor é fruto de uma cultura que é formada por uma cosmovisão que inevitavelmente irá permear suas práticas pedagógicas.

Em virtude disso, deve-se considerar sua base acadêmica, seu período em sala de aula e a análise crítica de seus conceitos adquiridos para que, em meio à sua realidade, possa identificar o racismo no contexto escolar e contribuir para a superação de tal manifestação por meio de suas práticas pedagógica.

É importante que os profissionais envolvidos na escola reflitam, pois o ambiente acadêmico é um dos principais contextos nos quais os alunos aprendem os valores e o respeito pela diversidade de forma a contribuir para o seu desenvolvimento e crescimento. De acordo com Pavan, é importante:

Ter consciência de que o papel do professor é de extrema importância para se obter na sala de aula um clima de respeito mútuo, fazendo com que os alunos entendam a importância de se respeitar o colega, de se dialogar ao invés de ofender e brigar (PAVAN, 2007, p. 45).

O professor é modelo, motivo pelo qual tem de estar preparado para ser um exemplo vivo de respeito e de educação, ensinando não apenas com palavras. Levando em consideração o contexto de preparo de profissionais do ensino, é necessário que haja, entre os professores, debates mais aprofundados nos cursos da formação que promovam o desenvolvimento do pensamento crítico, fazendo com que a incorporação de temas como a história dos afrodescendentes e outros povos despertem nos educandos o desafio de buscar o conhecimento de uma forma coerente e assertiva, resgatando a cultura e a história do afro-brasileiro de forma a quebrar o estereótipo que foi construído ao longo de vários séculos.

5 | OS MATERIAIS DIDÁTICOS EM COMBATE AO RACISMO

Quando se fala da ação do professor dentro da sala de aula, imediatamente se evocam os materiais didáticos que têm sido uma das ferramentas importantes para o professor exercer a sua função. Nessa direção, o Programa Nacional de Direitos Humanos (BRASIL, 2002, proposta 214) propõe “Apoiar o processo de revisão dos livros didáticos de modo a resgatar a história e a contribuição dos afrodescendentes para a constituição da identidade nacional”.

O Relatório do Comitê Nacional para a Preparação da Participação Brasileira na III Conferência Mundial das Nações Unidas contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata (BRASIL, 2001, p. 26) destaca, entre as medidas governamentais, “a revisão dos conteúdos dos livros didáticos visando a eliminar a veiculação de estereótipos e a introdução do tema da diversidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais”.

Infelizmente, diante de tantas leis, ainda é notável como os afro-brasileiros são

retratados nos materiais didáticos. É possível identificar ainda o racismo enraizado, levando muitos alunos afrodescendentes a rejeitarem suas raízes e culturas. Como consequência, essa perpetuação do racismo pode se tornar um dos fatores influenciadores no número de evasões, nos abandonos dos estudos e nas dificuldades de aprendizagem por parte dos alunos que sofrem com discriminação. Cabe ao professor ter a atenção voltada para os materiais didáticos e ter um olhar crítico sobre eles de forma a perceber os tipos de preconceito que eles acarretam e trazer para dentro da sala de aula informações que não prejudiquem os alunos.

Na legislação brasileira, existem leis que protegem os afrodescendentes dessas práticas discriminatórias.

- A Lei n.º 7.716, de 5 de janeiro de 1989, também conhecida por Lei Caó, visa tutelar a igualdade racial descrevendo punições para crimes que configurem racismo.
- A Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que obriga a temática “História e Cultura Afro-Brasileira” na Rede de Ensino.
- A Lei n.º 10.678, de 23 de maio de 2003, que cria a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, da Presidência da República.

Direcionadas a esse contexto, essas leis ajudam e alavancam oportunidades para o profissional trabalhar a questão da valorização afro em livros didáticos, nas ações na área educacional e por meio da intervenção como um modo de trabalhar o assunto de forma a conscientizar e valorizar o ser negro no contexto escolar. De acordo com relatos de aplicadores de intervenção, essa ação pode gerar reflexão positiva nos indivíduos envolvidos.

Segundo o IBGE (2017), a população negra corresponde a 63% da sociedade brasileira. Será que esses 63% estão inclusos no contexto escolar de modo que suas culturas estejam sendo valorizadas?

Silva (2004) considera que os livros didáticos dentro do contexto da valorização do ser negro são um dos meios que omitem e, ao mesmo, tempo simplificam e falsificam o dia a dia e as experiências que, ao longo do contexto histórico cultural e social, vêm se construindo em diversos segmentos, tais como o branco, o negro e os indígenas, entre outros. Quanto à população negra, o retrato da presença deles nos livros sempre foi marcado pelo estereótipo pelo qual são identificados ao longo de várias pesquisas feitas nos últimos vinte anos.

A criança negra era ilustrada e descrita através de estereótipos inferiorizados e excluída do processo de comunicação, uma vez que o autor se dirigia apenas ao público majoritário nele representado, constituído por crianças brancas e de classe média (SILVA, 2005, p. 23).

Pode-se compreender também que não basta aos professores terem boa formação e utilizarem livros didáticos e currículos apropriados se estes (livros e currículos) forem preconceituosos, racistas e não souberem lidar de maneira adequada com o assunto e com a diferença de cada aluno (VALENTE, 2005).

Diante disso, criou-se a Lei 10.639/2003, depois de muitas petições de pessoas com objetivos comuns, negros e de ativistas em relação a questões étnico-raciais, o que foi considerado uma conquista política. Essa lei privilegia não somente os alunos e educadores negros, mas também a sociedade. A referida Lei altera a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e impõe as diretrizes curriculares para sua execução (BRASIL/MEC, 2003), fazendo com que o ensino da História da África e da cultura africana no sistema oficial de ensino seja obrigatório.

Com essa mudança no currículo, é possível se perceberem os aspectos positivos e, ao mesmo tempo, negativos no que se refere aos conteúdos em forma de instrumentos didáticos. Tal percepção é notável por meio de como os educadores interpretam as imagens do negro a partir dos conteúdos dos livros didáticos. Não que se afirme que os educadores estejam despreparados, mas sim que apresentam limitações na formação no que concerne ao tema étnico-racial.

Freire (2002, p. 41-43) afirma que “Ensinar exige reconhecimento e assunção da identidade cultural”. Ou seja, no processo educativo que tenha como objetivo a formação integral do aluno o que importa é saber respeitá-lo, ensinando-o a valorizar a própria identidade e fazendo com que ele se sinta à vontade e envolvido durante a abordagem do tema.

Tanto o preconceito quanto o racismo têm causado, cada vez mais, impacto na vida das crianças em discussões e estudos científicos. Segundo Cavalleiro (2003), algumas escolas em que há situações de agressões verbais ou físicas se acham vencedoras da reação ‘quem xinga mais’ em referências negativas à etnia negra. A falta de reação das crianças negras oprimidas mostra uma mistura de medo, dor e impotência. Assim, todas essas manifestações acabam causando efeitos na formação da personalidade da criança, pois estão estritamente relacionadas a pensamentos e atitudes. À medida que a criança passa por essas experiências, podem ocorrer mudanças em seu comportamento.

Por meio da reflexão, percebe-se a importância de se intervir de forma a sempre inovar na maneira de se trabalhar na desconstrução de um pensamento negativamente construído, assim como na reconstrução de valores de um indivíduo acerca de si próprio em relação ao próximo. A partir das observações, sentiu-se a necessidade de pesquisar e buscar alternativas que pudessem cooperar com a superação do racismo e/ou preconceito na escola.

A educação escolar tem um papel fundamental na superação das desigualdades raciais e do racismo, contexto em que também se dá a continuidade na formação integral do aluno. A escola deve ensiná-lo a valorizar sua identidade e fazer com que ele se sinta à vontade e envolvido no seu período de aprendizagem (SANTOS, 2013).

Com tudo isso, é fundamental a inserção de intervenções nas escolas a fim de se abordar e abranger a valorização das culturas e mostrar, de forma lúdica, o valor do ser humano, independentemente de suas características físicas. Em outras palavras, devem-se ensinar os indivíduos ou grupos racistas/preconceituosos a refletirem no que

eles fazem, pensam e julgam, levando-os a entenderem e respeitarem a si mesmos e ao próximo e dando, dessa forma, um dos passos para a superação do racismo e/ou preconceito no contexto escolar.

6 | O PROJETO AMORAS

Depois da troca de ideias, planejamento e organização da intervenção, os componentes do grupo GPEDE dirigiram-se à escola selecionada para aplicar o Projeto. Montaram o cenário para uma aplicação teatral em um pátio para receber os alunos. No primeiro contato com as crianças, as aplicadoras da intervenção buscaram interagir e saber o conhecimento prévio dos alunos em relação à cultura afro-brasileira.

Em seguida, começaram a encenação de uma história que trata sobre a insatisfação de uma menina negra com o seu cabelo. A moral da história era que é cada um deve ser feliz com as características físicas que tem e agradecer a Deus a forma como Ele nos criou. Além disso, aprender a valorizar a diversidade étnica e cultural sem dar tanta importância ao que dizem contrariamente ao que se é. Cantou-se uma música para as crianças cujo foco foi proporcionar a autovalorização. Essa música teve a letra (citada no quadro a seguir) e a melodia criadas pelos componentes do grupo de pesquisa.

Seu valor para Deus

Não importa qual a cor, mas importa seu valor.
Eu queria tanto que soubesse quanto é especial.
Seus olhinhos feitos jabuticaba,
Seu cabelo fino enrolando.
Bem crespinho, você pode até pensar
Ser diferente, mas nunca menor.
Eu e você, frutos do Pai
Criação de um lindo Rei
Semelhantes a Ele fomos feitos para sermos felizes
Olhe sempre para você e pense:
Eu sou muito, muito importante.
Olhe sempre para cima e pense:
Deus me ama mais do que ninguém.
Olhe a vida e veja o lado bom.
Pense no que pode agradecer.
Sua vida é um grande presente.
Abra os olhos para que possa ver. nada e ninguém pode
mudar o quanto é precioso e tem valor.

Compositora: **Morgana Viana**

Por meio da aplicação de uma entrevista aberta, buscou-se saber a percepção das aplicadoras do projeto de intervenção pedagógica no intuito de saber como foi para cada participante realizar esse trabalho, pois as intervenções pedagógicas são um meio de valorizar a diversidade étnica, incentivando o respeito do ser negro. Considera-se um projeto benéfico para a construção de conhecimentos, valores de culturas e etnias, sendo uma forma simples, clara, objetiva e lúdica para uma aprendizagem eficaz.

Em conformidade com as cinco respondentes, a saber, Ana, Laura, Vitória, Júlia e Tânia, passo a passo, por meio do projeto de intervenção, foi possível identificar a importância da intervenção para a conscientização e valorização do ser negro. Cada respondente teve uma função no projeto. Aos poucos, conhecer-se-á um pouco de suas participações, experiências e percepções durante a aplicação do projeto, o que se poderá inferir de suas falas.

Ana fez a abertura, apresentou os integrantes do grupo, deu boas-vindas às crianças e resumiu o que apresentaria para os alunos. Interagiu de forma lúdica com eles com o objetivo de despertar o interesse para a programação. Laura contribuiu com a elaboração do teatro, buscando valorizar o ser negro e sua autoestima. Participou também da criação de marca-páginas (lembrancinhas) e teve participação na construção do cenário para apresentação do teatro. Contou uma história com fantoche juntamente com Júlia, que falou sobre a insatisfação de uma menina com seu

cabelo por ser diferente. A menina superou essa insatisfação depois que um colega a ajudou a perceber quão lindo era o seu cabelo do jeito que Deus o fez.

Júlia participou da criação de um roteiro que contou uma história por meio da qual mostrou que ninguém precisa agradar a todos. Ela elaborou uma canção que mostrou a importância de cada um se aceitar da maneira como Deus o criou. Tânia ficou responsável por registrar o momento com fotos e vídeos, buscando marcar os momentos de reações de todos os envolvidos com o projeto. Vitória participou de uma parte da organização, auxiliando os integrantes do grupo Amoras, colaborando, assim, com a entrega das lembrancinhas para os alunos e proporcionando uma recordação da apresentação.

Buscou-se saber também como foi para cada uma das respondentes participar do projeto e o que cada uma sentiu durante a intervenção. Desse modo, Júlia mencionou que foi sensacional contribuir para que a criança negra se fortalecesse no contexto de discriminação. Para Laura, foi muito bom: “Eu pude colaborar com valorização da criança como ela é”.

O que mais impactou foi a forma como se elaborou o projeto. As crianças estavam inseridas em uma realidade na qual vivenciavam o que o teatro apresentava para elas. É interessante ver como essa prática levou as crianças e terem a atenção voltada para o projeto de forma muito curiosa, ao mesmo tempo em que elas compartilhavam sobre o que estavam aprendendo. Acredita-se que o projeto teve forte impacto na forma como as crianças enxergavam os colegas.

Segundo Campos, Felício e Bortoloto (2003), considera-se que a apropriação e a aprendizagem significativa de conhecimentos são facilitadas quando tomam a forma aparente de atividade lúdica, pois os alunos ficam entusiasmados quando recebem a proposta de aprender de uma forma mais interativa e divertida, resultando em um aprendizado significativo. Levando em conta que as atividades lúdicas dão ao educando um novo olhar, Grassi afirma que:

Brincando, a criança vai elaborando teorias sobre o mundo, sobre suas relações, sua vida. Ela vai se desenvolvendo, aprendendo e construindo conhecimentos. Age no mundo, interage com outras crianças, com os adultos e com os objetos, explora, movimenta-se, pensa, sente, imita, experimenta o novo e reinventa o que já conhece e domina (GRASSI, 2008, p. 33).

Tânia relatou que, às vezes, estar diante de tais ações a leva a refletir não sobre como a ação está se encaminhando, mas sim sobre como ela está contribuindo para a formação de novos conceitos relacionados à valorização do indivíduo. Vitória pôde perceber quão importante é passar para as crianças essa concepção do racismo e quão importante é valorizar essa questão no âmbito escolar.

Levando em conta que a reflexão e a construção dos conceitos relacionados à valorização do indivíduo são objetivos da educação, a escola é um lugar onde o aluno tem a oportunidade de construir conceitos e conhecimentos ao longo de sua jornada acadêmica, a fim de que, na condição de indivíduo, tenha a capacidade de valorizar

as relações interpessoais no seu dia a dia tanto na sociedade quanto como indivíduo e ter a capacidade de se integrar sem discriminação.

Ana declarou que foi uma experiência única poder participar de uma intervenção que visou à valorização do indivíduo independentemente de suas características físicas ou suas bagagens históricas, podendo, assim, ampliar a visão de todos os envolvidos. Segundo ela, os professores e futuros professores têm a responsabilidade de ensinar, valorizar a história e levar os alunos a terem um pensamento reflexivo quanto às questões raciais, desconstruindo os estereótipos e os preconceitos construídos ao longo do tempo.

Por meio de todo esse processo, buscou-se saber de cada uma das integrantes do grupo a percepção que elas tiveram em relação à intervenção: “O programa foi muito impactante tanto para nós como para as crianças [...] depois de ouvirem e verem o projeto, as crianças aparentemente saíram com uma nova visão quanto ao ser negro e mostraram um despertar de um novo olhar quanto às questões raciais”, afirma uma das aplicadoras da intervenção.

Antes da apresentação do projeto, por meio da interação, as aplicadoras puderam ter uma compreensão da visão que os alunos carregavam em relação ao ser negro. “Depois da apresentação da programação, eles se expressaram de forma diferente do que eles mesmos falaram e de como reagiram no começo de tudo”, disse Ana.

Tânia relatou que presenciar a aplicação de um projeto e dele participar permitiu que ela percebesse a importância de valorizar e conscientizar o indivíduo como um ser de culturas e características diferentes, mas com direitos e deveres iguais. “Foi excepcional ver a movimentação ativa que conseqüentemente contribui para internalizar e a valorização do próximo como Deus os criou”, afirmou ela. Segundo Santos (1987, p. 16):

É importante considerar a diversidade cultural interna à nossa sociedade; isso é de fato essencial para compreendermos melhor o país em que vivemos. Mesmo porque essa diversidade não é só feita de idéias; ela está também relacionada com as maneiras de atuar na vida social, é um elemento que faz parte das relações sociais no país. A diversidade também se constitui de maneiras diferentes de viver, cujas razões podem ser estudadas, contribuindo dessa forma para eliminar preconceitos e perseguições de que são vítimas grupos e categorias de pessoas.

Seguindo no raciocínio de que essa conscientização leva o aluno à reflexão, que, conseqüentemente, afeta sua cosmovisão, o educando tem a oportunidade de quebrar os estereótipos construídos ao longo de muitos anos e dar lugar ao conhecimento crítico-reflexivo que o habilitará a construir novos conhecimentos que o guiarão dentro de uma sociedade homogênea.

No decorrer da entrevista, Tânia assim se expressou: “Incrível quanto uma ação consciente pode gerar reações no público escolhido, onde aparentemente foram tocados a ponto de se emocionarem com lágrimas nos olhos. Tais reações me levaram à inquietação, questionando: O que eles absorveram para que os levasse a se emocionarem? O que levou eles a compartilhar com o amigo ao lado algumas

percepções? E por que em alguns momentos ficaram sem reação? Espero que, no fundo, sejam capazes de compreenderem seus valores independente de suas virtudes e dificuldades, tornando assim possíveis indivíduos conscientes dos valores de si e de suas ações, não só na escola, mas também na vida”.

Vitória considerou: “Percebi que as crianças ficaram encantadas com os personagens em fantoche contando a história e com a apresentação da música. Elas puderam perceber que o importante não está por fora, se somos diferentes, mas sim o que somos por dentro, se nos importamos com o nosso próximo”. Vitória afirmou que pôde perceber que as crianças comentavam umas com as outras e até davam suas opiniões. “Através do teatro, transpareceu que elas puderam ter uma visão melhor do racismo e do preconceito que a pessoa negra sofre”, relatou ela.

Júlia percebeu a necessidade de conscientizar sobre o valor que cada pessoa tem, e que não se pode permitir que um pensamento de outra pessoa mude isso. É importante entender a diferença e a criação diversificada de Deus, e que o cabelo crespo não é algo que esteja fora do padrão. “Trabalhamos por cima disso valorizando o cabelo da criança e a cor dela mostrando que faz parte de uma diversidade”, disse ela. Júlia ressaltou que isso foi muito significativo. No final da aplicação do projeto, ela conversou com algumas crianças e percebeu que elas assimilaram muito bem o que juntos construíram, que foi a valorização da cultura e do indivíduo como imagem e semelhança de Deus.

Assim, por meio desses relatos foi possível analisar alguns efeitos que a intervenção pode causar. São ações expressas em palavras que permitem refletir sobre o que se pode fazer a fim de contribuir para a superação da discriminação e para a autovalorização do indivíduo. Essa intervenção foi uma ação prática que abriu várias portas para se trabalharem conceitos, interação social e reflexões, contribuindo para algumas desconstruções conceituais e ampliação do pensamento em relação à valorização da diversidade.

Munanga (2008, p. 13) afirma que:

Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos, introjetados pela cultura racista na qual foram socializados.

Dessa forma, pode-se minimizar o preconceito e o racismo por meio de uma educação que inclua a todos e os valorize como seres com os mesmos direitos e deveres, desconstruindo a hierarquia imposta por gerações e transformando primeiramente a sala de aula, lugar onde todos devem se sentir livres e fazer parte de uma sociedade independentemente de cor, características físicas diversas ou etnias.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importa entender que a intervenção permite ao educando vislumbrar os caminhos para a construção de um novo conhecimento que o levará a ter uma nova percepção do mundo que o acompanhará por toda a vida. É necessário que os educadores conheçam as reais necessidades dos alunos para poderem intervir de forma positiva e significativa.

Com base nos relatos, pôde-se perceber a importância da intervenção pedagógica e como essa prática pode minimizar o preconceito e/ou o racismo dentro da sala de aula, levando os alunos a refletirem na questão da diversidade étnico-racial de uma forma ampla partindo de seu cotidiano: a sua forma de tratar o negro, as palavras, os apelidos e os aspectos psicológicos que muitas vezes são difíceis de serem notados, mas que causam grandes contradições tanto para a vida social quanto – e especificamente – no seu aprendizado.

A intervenção leva os alunos a refletirem sobre a importância do respeito para com o próximo e a valorização de si próprio, quebrando, assim, os paradigmas até então construídos. A intervenção pode ser uma ferramenta para auxiliar no trabalho do docente no que concerne à questão étnico-racial com os alunos, dando a eles a oportunidade de terem um novo olhar em relação ao racismo e ao preconceito construídos ao longo da História.

Compreende-se que há vários meios de se trabalhar com a superação do racismo e do preconceito, sendo um deles o projeto de intervenção, que pode contribuir para a solução de tal problemática. Ainda, entende-se que o trabalho com o projeto de intervenção pode ser aprimorado e aperfeiçoado, a depender do momento e do contexto de sua aplicação.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.

BEATO, J. **Um novo milênio sem racismo na Igreja e na sociedade**. CENACORA, 1998.

BRASIL. **LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL**, LEI n.º 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 9 abr. 2018.

BRASIL. **PROGRAMA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS**. PNDH II – Proposta 214, 2002.

CAMPOS, L. M. L.; FELÍCIO, A. K. C.; BORTOLOTO, T. M. **A produção de jogos didáticos para o ensino de ciências e biologia**: uma proposta para favorecer a aprendizagem. Departamento de Educação – Instituto de Biociências da Unesp – Campus de Botucatu, 2003.

CAVALLEIRO, E. Educação anti-racista; compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Elaine. **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando a nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2003.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra S. A., 2002.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Belo Horizonte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

_____. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n.º 10.639 Brasília: MEC/BID/UNESCO**, 2005.

GRASSI, T. M. **Oficinas psicopedagógicas**. 2. ed. rev. e atual. Curitiba: IBPEX, 2008.

MUNANGA, K. **Negritude – Usos e Sentidos**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

_____. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília, Ministério da Educação, 2005.

_____. (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008, p. 13.

PAVAN, L. **O papel do professor diante do bullying em sala de aula**. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2007.

PROGRAMA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS. **Gênero e Raça – todos pela igualdade de oportunidades: teoria e prática**. Brasília: MTb-a / Assessoria Internacional, 1998.

SANT'ANA, A. O.. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. In: MUNANGA, K.. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília, Ministério da Educação, 2005.

SANTOS, J. L. dos. **O Que é Cultura**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SANTOS, R. E. **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na Geografia do Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SILVA, A. C. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, K. (Org.), **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC, 2005.

SILVA, A. C. **A Discriminação do Negro no Livro Didático**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2004.

VALENTE, A. L. **Educação e Diversidade Cultural: um desafio da atualidade**. São Paulo: Modernidade, 2005.

VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-354-5

